

Paulo Caculo

O ANTIGO Presidente de Moçambique Joaquim Chissano classificou o advento da libertação da África Austral e o derrube do regime do Apartheid como aspectos marcantes da história da região e do continente africano.

Ao dissertar, ontem, na Conferência Internacional sobre o Papel dos Países da Linha da Frente na Libertação Total da África Austral, o ex-Chefe de Estado moçambicano referiu que a criação e operacionalização da "Linha da Frente" foi um acto de coragem extraordinária, alicerçada numa visão histórica impar.

A entrega de diversos países à causa da libertação total da África Austral e ao derrube do regime do Apartheid, disse Joaquim Chissano, também levou à descoberta de nações vulneráveis aos fenómenos que ocorreram no processo de luta pela libertação dos povos colonizados ou sob o jugo do Apartheid, que não se aliaram totalmente à mesma luta.

"Antes, pelo contrário, há países que decidiram aliar-se, de forma clara, aos regimes opressores como forma de proteger os seus interesses imediatos. A epopeia da libertação da África Austral e do derrube do regime do Apartheid constituem aspectos marcantes da história da nossa região e do continente africano", afirmou.

Contrariamente àqueles, o ex-Estadista moçambicano sublinhou que o grupo da Linha da Frente não claudicou. Preferiu consentir sacrifícios e juntar-se a outros na busca de formas de resolver os problemas que os perturbavam, embora admitindo que nem todos os países expostos a fenómenos das lutas de libertação poderiam ser tomados como países da Linha da Frente.

"Não vou falar de outras situações no resto do continente, onde poderíamos, também, encontrar linhas da frente como na Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, mas vou falar da nossa zona, a África Austral, em que houve países que, sem estarem imediatamente expostos aos fenómenos das lutas de libertação, tomaram iniciativas de se juntar aos esforços dos povos combatentes e dos países apoiantes e o fizeram com dedicação", regozijou-se, citando, a título de exemplo, o caso de Cuba, mas também a Argélia, que recebeu e treinou combatentes dos países colonizados, designadamente de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique.

"Países como o Lesotho, Botswana, Moçambique e outros tinham muitos dos seus cidadãos a trabalhar na África do Sul, além deste país ser a fonte principal e a mais próxima das importações", referiu, salientando que os Estados integrantes da Linha da Frente tinham que, por um lado, denunciar e combater o regime do Apartheid, e por outro, com ele manter relações económicas, não tendo, por isso, condições de lhe aplicar as sanções decretadas pelas Nações Unidas.

ANTIGO PRESIDENTE MOÇAMBICANO DISSERTA NA CONFERÊNCIA

"A epopeia da libertação da África Austral constitui aspecto marcante da história da região"

Joaquim Chissano disse que o resgatar desta história assume-se como uma tarefa de primordial importância para a preservação e exaltação do legado libertador



Jornalista Raimundo Salvador (à direita) foi o moderador do debate em que interveio Chissano

Vitória de Angola abriu caminho à adopção da resolução da ONU

A "GLORIOSA" vitória do povo angolano, de acordo com o antigo Presidente Joaquim Chissano, abriu o caminho para a adopção da Resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas e a consequente libertação da Namíbia, assim como desbravou caminhos para o fim do Apartheid na África do Sul e a libertação de Nelson Mandela.

O ex-Estadista moçambicano confessou que, desde o início da luta, os líderes da Linha da Frente sabiam que a tarefa de libertação

da região da dupla opressão do colonialismo e do racismo seria árdua e longa, com um preço elevado a pagar, como, aliás, veio a acontecer.

"Para eles e os seus povos, os objectivos da independência e liberdade eram o bem maior a atingir, qualquer que fosse o preço a pagar. É por isso que em nenhum destes países se ergueram vozes que se opunham à prestação desta solidariedade", explicou.

A batalha travada no Cuito Cuanavale, esclareceu Joaquim Chissano, era acompanhado sem-

pre pelo trabalho diplomático dos Presidentes e líderes dos governos da Linha da Frente, assegurando terem sido processos que envolviam diálogos sérios com os ingleses, sul-afrikanos e outros. "Neste período de intensificação da luta contra o Apartheid, também se destaca o papel-chave desempenhado pelos países da Linha da Frente, no quadro do diálogo anglo-americano sobre o Zimbabwe com o Reino Unido e os Estados Unidos da América (EUA), processo que conduziu aos acordos de Lancaster House, que culminaram com a independência do Zimbabwe em Abril de 1980", referiu.

"Antes, pelo contrário, há países que decidiram aliar-se de forma clara aos regimes opressores como forma de proteger os seus interesses imediatos. A epopeia da libertação da África Austral e do derrube do regime do Apartheid constituem aspectos marcantes da história da nossa região e do continente africano"

Como prova disso, acrescentou o antigo Presidente, na área económica, a União Aduaneira da África Austral, que era dominada pela África do Sul e integrava Botswana, Lesotho e Swazilândia (e-Swatini), era a responsável pela colecta e distribuição das receitas provenientes das tarifas aduaneiras, que mais tarde a distribuía pelos Estados-membros da União.

De igual modo, referiu que complicava o facto de o poderio militar da África do Sul ser um factor de desencorajamento, apesar de tal constatação não esmorecer a determinação do agrupamento.

Joaquim Chissano explicou, ainda, que, na área diplomática, a maior vitória da Linha da Frente, talvez, tenha sido a derrota, em 1979, da iniciativa sul-africana da criação da Constituição de Estados da África Austral, que seria um bloco anti-marxista, integrando ainda o Botswana, Lesotho, Swazilândia, Zimbabwe e, possivelmente, Moçambique, que juntos iriam assegurar a hegemonia económica, diplomática e militar da África do Sul do Apartheid.

"Este projecto fracassou devido à acção concertada da Linha da Frente na área internacional. É neste quadro da oposição à criação da Constituição de Estados, que se cria a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), que teve amplo apoio internacional, aumentando, assim, o isolamento do regime do Apartheid", disse o ex-Estadista, esclarecendo ter sido desta forma que a Linha da Frente se projectou como o "embrião" de onde brotou a SADC.

Para o político moçambicano, tal facto demonstrou a vitalidade dos ideais da Linha da Frente, que ainda hoje perduram através da SADC, destacando o trabalho diplomático intenso e concertado desenvolvido no seio dos foras internacionais, em apoio às causas africanas, como, por exemplo, o caso da invasão sul-africana a Angola.

"A derrota desta tentativa de invasão, a Batalha do Cuito Cuanavale marcou o ponto de viragem para a conclusão do processo de libertação da África Austral e o derrube do regime do Apartheid", ressaltou.